

Redacção, Administração e Proprietária CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA —Telf. 5 Cete	Director e Editor PADRE AMÉRICO
Composto e Impresso na TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA	Vales do Correio para CETR



Gaiato



Visado pelo
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VII—N.º 173
PREÇO 1\$00

NOTA DA QUINZENA

Em um dos últimos números deste jornal dizia eu, a propósito de heranças, que os primeiros Apóstolos implantaram no mundo o Cristianismo sem tabelas de emolumentos. Mal diria eu que esta afirmação tão simples e tão despida, foi levantar na alma dos leitores um mundo de ideias novas. Cartas que temos recebido assim o declaram e o melhor é sempre aquilo que fica por dizer. Bendito seja o Senhor Deus de Israel.

Eu estava quente e defendido da ousadia de tal afirmação, pelo que tinha ouvido semear antes num Retiro espiritual, feito ao Clero da Diocese do Porto, aonde eu era um. Um Retiro é uma coisa muito séria; não é uma sessão de estudos, muito menos um serão de arte: é sim Jesus Nazareno que passa. Vale a pena temer aquela hora. Pois em uma das conferências, o pregador disse de uma diocese da Itália aonde o Bispo, de comum acordo com os

seus padres, tinha abolido os emolumentos por prestação de serviços religiosos; e que no fim do primeiro ano de experiência, o povo de cada paróquia venceu a generosidade dos seus pastores. Eu ouvi e acreditei. Um pregador de Retiros não pode dizer nada que assim não seja. Por outro lado, a Diocese em questão, é situada na Itália, pertinho do Papa... Eu ouvi e acreditei.

Mais quente fiquei quando depois de ter ouvido o pregador, me constou que Sua Eminência o Cardeal Cerejeira, dissera a alguém, que esperava não morrer sem abolir os emolumentos no Seu território. E a minha convicção subiu, quando me chegou aos ouvidos, de fonte muito limpa, que um pároco da Diocese de Portogreze pediu ao seu Pastor e obteve licença de não pedir nada a ninguém e aceitar tudo quanto os seus paroquianos lhe quisessem dar. Continuando em ritmo festivo, acuso a recepção de duas cartas de dois

neo-presbíteros da Diocese de Coimbra, aonde mandam o primeiro fruto do seu munus sacerdotal declarando ao mesmo tempo que desejam ser padres pobres. Quantas luzes pequeninas não deve ter acendido no peito dos crentes aquela afirmação simples e despida; e espevitado outras que desde sempre existiam! As cartas o dizem. Uma delas, e todas são de crentes fervorosos, trazia uma notícia sobre aquilo que eu ouvira ao pregador, por onde fiquei sabendo que o Pastor da Diocese é Monsenhor Tedde; e também fiquei sabendo uma parte da alta doutrina da sua pastoral sobre os emolumentos: «não receamos afirmar que o regime económico de emolumentos, constitui uma brutal confissão dum amolecimento da piedade cristã». E mais e mais e mais. Temos à vista os dias gloriosos da pobreza apostólica!

Nós sabemos de muitos e muitos e muitos sacerdotes que nunca olham para as tabelas nem pedem nada a ninguém. São os mais ricos. São os herdeiros do Novo Testamento, participantes do prestígio e méritos de Nosso Senhor Jesus Cristo, o fundador da Igreja. Sabemos sim senhor. Mas há outros que não. Há outros que são mais pobres. Criaram necessidades. Formaram a sua consciência e agora precisam e pedem.

São os da tabela. Esta doutrina é falsa. É contra as promessas de Cristo e a natureza das coisas. Quem desperta e nutre a generosidade no seio dos mais, é a nossa própria generosidade. Os chamados direitos paroquiais são nada à vista do muito que o povo tem para dar, se o Pastor der. Ficáramos todos espantados neste cantinho de Portugal no dia em que os bispos portugueses se sentissem com forças e disposição para fazerem o mesmo que fez o de Cagliari; espantados da generosidade dos fieis.

A gente não sabe como, nem aonde, nem de que há-de vir a morrer. É um segredo de Deus; nisi solus Pater. Também não tenho a certeza se à hora da minha morte já terá nascido aqui o sol daquela pequenina e bendita Diocese; que os funerais sejam iguais para todos. Sendo assim, não tenho nada a dizer. Não há ricos nem há pobres. Somos todos irmãos, e euerei tratado com esta santa igualdade. Nada tenho a pedir. Porém, se as coisas forem então como são agora, eu tenho que dizer: nem pompas nem epítáfios. É um pobre que morre. Dê-se-lhe tudo e unicamente o que é costume dar-se aos pobres que morrem nas cidades e aldeias. Que os meus sucessores sublinhem esta derradeira vontade e a façam cumprir por amor de Deus.

O NOSSO LIVRO

ACABO agora mesmo de ser informado, pelo Piolho, que o número de inscrições dos senhores e das senhoras ansiosos de boa leitura, já ultrapassou um milhar e meio. Ontem foi o dia em que esteve aqui um casal brasileiro, que fez encomenda de dez livros e deu por eles 1.000 escudos.

O andamento da impressão atrasou-se um bocadinho por causa das férias; o mestre impressor ausentou-se por uma semana e o Sr. Júlio Mendes foi um bocadinho mais adiante. Dantes trabalhava-se de sol a sol, sem férias. Agora são as oito horas do estilo, com férias, e ainda ninguém disse se estamos hoje melhor do que então. Seja como for, a décima folha já saiu do prelo, cinco das quais já estão dobradas pelo Fernando Martins e seus ajudantes. Este serviço de dobrar, ao cuidado do Fernando, está um bocadinho prejudicado por uma coisa que eu vou aqui dizer: o rapaz esteve no Porto a fazer a sua aprendizagem. Na oficina havia meninas, e uma delas escreve ao rapaz cartas inflamadas. Ora ele ainda usa arco e gancheta, sim, mas vai olhando para o que a menina diz...

Se as folhas do livro não saírem bem certinhas, ficam os senhores sabendo que a culpa é da menina Isaura.

O Júlio está determinado em não dar nada ou dar o menos possível a intermediários, de sorte que o produto do livro ficará todo nas nossas mãos; e é dele que nós temos de saldar a dívida da Tipografia. Isto mesmo foi já dito ao fornecedor da maquinaria. Eu gosto

assim. Eu acho muito bem que obras sociais desta natureza vivam do seu trabalho para brio do rapaz e prestígio da Nação. É uma doença nacional isto de receber e educar rapazes por detrás de muros altos, à porta fechada e à custa de orçamentos. É mais alegre; é mais saudável; é mais humano que o rapaz coma desde já o seu pão, com o suor do seu rosto. Se nós assim viermos a pagar o que falta para o saldo final da dívida, damos ao mundo uma grande lição.

Sim; é uma doença nacional. Já o sabia, mas colhi nova experiência da opinião pública, com a nova fundação em S. João da Madeira. A uns ouvi dizer: oh! Aquilo ali dá muito! Supondo ser justamente por isso que aceitamos o encargo. De outros ouvi dizer: não lhe vale a pena porque lá já existem creches e mais obras de assistência. Vê-se claramente que uns e outros estão evitados da mesma doença, que é doutrina corrente, aceite e praticada por homens de bem. Dá pena! Troca-se assim, pela esmola, a possibilidade de o rapaz poder bastar-se sem ela! Ora a verdade toda é que nós não fomos nem estamos em S. João da Madeira pela cobiça do aquilo vai dar muito, nem pelo medo das creches e outras obras de assistência, que lá existem. Nós olhamos para as chaminés das fábricas e com elas, por elas, havemos de comer o nosso pão de cada dia, sem sermos pesados a ninguém. Agora, o que nós queremos, é mais inscrições. Mais inscrições. Mais inscrições.

DE COMO EU ESTIVE QUINZE DIAS NO GEREZ

LARGUEI naquela tarde inesperadamente, consumido com dores de cabeça e outras coisas que fazem dores. Era Setembro. Pelo caminho alegrava-me com a ideia de que todo o mundo vai em Julho e Agosto e eu havia de ter pouco que ouvir e dizer. Enganei-me; havia horas de bicha para tomar as águas! Instalei-me no Hotel do costume. As instalações deste e dos mais hotéis do Gerez, podem ser discutidas, mas as maneiras do Pessoal não. Extremamente dedicados e sabem sacrificar-se pelo bem dos seus hóspedes. Honra lhes seja.

Fui ao médico como manda o regulamento, mas as águas é que são. Aquela fonte que vem do desconhecido é que cura. Cada um é que sente o maravilhoso resultado. Eu cá por mim, enquanto sorvia devagarinho, dava graças ao Pai Celeste por

dar um tal poder a fio de água tão humilde.

Muitos senhores e muitas senhoras e também gente humilde dos nossos campos, paravam nas redondezas da fonte milagrosa, à hora de tomar a água. Um aleijado vende lotaria. Há vendedores de ervas da serra do Gerez. Outras mulheres oferecem tabuleiros de frutas. Um cego toca guitarra. Tomada a minha dose todos os dias me apartava para o Parque tendo o cuidado de dobrar à esquerda de quem entra, por sobre uma ponte de pau e estacionar num pequenino largo que ali se encontra. Aquela hora não aparece ali ninguém. Nada que profane. Nada que perturbe. É um repouso total. Aos pés uma ribeira de pedregulhos com água a marulhar. Da ribanceira do

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

ISTO É PARA VÓS CHEFES

Por PADRE ADRIANO

COMO sabeis, está em repouso forçado o nosso Pai Américo. Desejamos-lo descansar que bem o merece.

Entretanto, quero a todos dizer uma coisa: é preciso que cada um de vós ocupe o seu lugar o melhor que souber para que a ausência dele não seja notada sequer.

Fizestes há pouco a vossa reunião de chefes. Tive a felicidade de assistir, e, digo-vos, foram das horas mais felizes que vivi, até agora, na Obra.

Todos fostes testemunhas das mais nobres e sinceras afirmações e aspirações.

De cada um de vós saiu a espontânea promessa de servir a Obra, isto é, os nossos irmãos mais novos.

No calor do seu entusiasmo alguns chegaram a propor que esta reunião se realizasse, não uma, mas várias vezes por ano.

São vossas, expressões como estas que aqui registro:

«Pai Américo, caros companheiros, fui muito mau, estou muito arrependido; fui fraco e continuo a sê-lo. Companheiros, Pai Américo, se vir que volto a cair, bote-me a mão. Sou mais fraco que ninguém».

Bote-me a mão. Chefe, fazes de conta que ouves a mesma súplica do teu irmão mais pequeno.

Que a tua mão aponte o bom caminho, que a tua mão desvie os teus subordinados do precipício. Levanta as tuas mãos a Deus para lhe pedires luz, e para dares o exemplo aos mais novos; levanta as tuas mãos para o trabalho; estende-a também se puderes para ajudar o pobresinho com a tua esmola. Não oprimir os mais fracos, não esmagues.

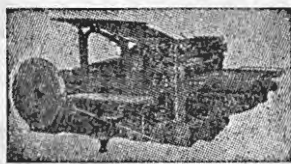
O Mestre não quer que se apague a mecha que ainda fumeja.

Chefe, olha a tua responsabilidade perante a tua consciência, perante os teus companheiros mais novos, a casa a que presides, perante a Obra de que fazes parte e perante o mundo inteiro.

Está cansado o Pai Américo. É agora a hora, a tua hora, de medires as tuas forças, de saberes quanto vales.

Agora verá o mundo se a Obra é ou não de Rapazes, pelos Rapazes.

Mais um pedido: lembra aos pequeninos, sobretudo àqueles inocentes que vão para a capela dizer ao escondido no Sacrário—"ó Nosso Senhor olha que eu sou do Sporting,—sim lembra a esses que rezem uma Ave Maria pelas intenções e saúde daquele que para eles é mais que Pai.



A NOSSA TIPOGRAFIA

Vai aqui um tripeiro com 100\$. Logo a seguir, de Perosinho, vai à memória de uma filhinha que contava 3 meses e deixou em testamento o seu abono de família, 60\$00. Com tamanhas grandezas vale a pena fazer procissões e ir nelas. Deus há-de curar a ferida que fez a estes pais inconsoláveis. Agora é um rapaz que dá o seu primeiro ordenado, 1.000\$; heróismo cristão. Mais da pequenina de Sequeira 100\$00. E outro tanto de algures. E vinte de Silva Porto. E cinquenta de um padre novo de Coimbra. Este leva no coração uma formosa prece: para que o Senhor me dê a grande graça de ser pela vida fora um padre pobre, por ser este o grande

caminho para que o mundo acredite em nós. E um casal com 100\$00. E metade de Vila Nova da Barca. E outro tanto de algures. E o dobro do assinante 10.391. E cinquenta do Porto. E vinte. E cem. E um quartirão de escudos do assinante 15.492. E cinquenta de algures. E a Maria a dizer que se encontra atribulada com o marido desempregado e que deseja manter uma vida limpa e sem vergonhas. Cá vai ela com a sua oferta; uma grande ao pé dos grandes. É a procissão. Mais cinquenta. Mais duzentos de Águeda. Agora vai o doutor Guilherme com a segunda prestação de 800\$00. Deus o ajude senhor doutor. E a Delfina de Parde-

lhas. E um rádio-telegrafista do Porto que foi aumentado e dá cem mil reizinhas para ir na procissão. Fazia falta um rádio-telegrafista. Quem me dera que assim como este, outros funcionários venham a ser aumentados, mesmo que para isso hajam outros de ser diminuídos.

E a Escola Primária N.º 30, de Sá da Bandeira vai aqui com 150\$00. Também aqui vai um visitante com o segundo parafuso de 100\$00. Ao Espelho da Moda foi alistar-se um casal brasileiro, com 1.000 escudos e um senhor com 100 deles, os quais vão aqui muito caladinhos.

Dito isto, fica a dívida da Tipografia em 141.300\$00



DO QUE NÓS NECESSITAMOS

Os senhores recordam-se de eu ter aqui falado de Alguém que nos visitou e deixou ficar dez notas do Banco? Recordam-se? Pois bem. O mesmo senhor tornou com outros dez contos! Glória a Deus. Outra vez por alma do meu maior amigo 20\$00. Isto repete-se tantas e tantas vezes, que é difícil dizer qual dos dois é o maior, se o que foi se o que ficou. Mais quinhentos escudos dentro dum envelope branco e dentro um cartão branco a dizer P. N. A. M., epitáfio de vivos. Mais roupas de S. João da Pesqueira. Mais um corte de fazenda de Castanheira de Pera. Magnífica indústria de tecelagem! Zé Eduardo viu, passou palavra e anda aqui pela Aldeia uma grande ansiedade... Mais cem de Mira de Aire. Mais uma quete dos empregados do Banco Borges & Irmão, de Ovar que rendeu 350\$00. Mais cinquenta de Valadares. Mais cinquenta de Niterói. Mais cinquenta de Lisboa. Mais de uma mãe agradecida. Da Fonte da Moura 100\$00. Mais cem de uma bejense. Mais de Pesqueira uma encomenda postal. Mais 1.000\$00 de Quelimane. Mais outro tanto de Moçambique; terras de portugueses. Mais 120\$00 do Porto para o Barredo; o Porto a dar ao Porto! Mais a Maria com 50\$00. Mais o dobro de Carvões. Mais cinquenta. Mais cinquenta de Lisboa. Mais quarenta dum subscrição entre algumas praças do Regimento de Cavalaria 5 de Aveiro. Quem recebe migalhas dá migalhas. Mais quinze dólares da terra deles. Eu tenho medo; tenho medo das supremacias quando elas são feitas de dinheiro. Eu sou contra o va-

le quem tem. Mais de Vousela mil escudos para os pobres do Barredo. Mais uma subscrição de homens bons de Sá da Bandeira que veio em cheque de 3.550\$00; tal como Moçambique, aqui também é terra de portugueses. Os tempos hão-de mudar pela natural evolução das coisas e então será tudo às avessas do que é hoje; aquelas terras emancipadas hão-de nutrir e acariciar a Pátria que lhes deu o ser. Mais uma quete de 222\$50 realizada entre alguns dos meus colegas da Polícia Internacional. A carta que veio é uma formosura; formosura do coração daqueles homens hirtos, exigentes e terríveis. Mais de Águeda uns visitantes que vieram cá e quiseram

oferecer 45 boroas de pão de milho, que tantos eram os anos de vida do chefe, feitos naquele dia; ó maravilha das maravilhas! Mais cem de um mealheiro escolar. Outra vez para os pobres do Barredo; esta palavra, por ter nascido nesta coluna, é hoje a mais piedosa de Portugal! Mais retirado do Espelho da Moda um mundo de coisas. Mais vinte. Mais toalhas. Mais roupas. Mais cinquenta da Cova da Iria. Mais vinte de Ilhavo. Mais cem escudos do António Correia de 17 anos de idade que vendeu a sua mota e quis repartir connosco a sua imensa fortuna. Mais de Rio Tinto duas toalhas do meu enxoval de casamento.

CONFERÊNCIAS DE S. VICENTE DE PAULO

Júlio pôs à nossa, de Paço de Sousa, um nome magnífico: SS. Nome de Jesus! Nasceu dentro dele este nome formidável e revolucionário. Ele é único; é também o alicerce da nossa Obra.

As Conferências de S. Vicente de Paulo são obras de leigos, para leigos, por leigos. Não gozam de personalidade jurídica. Não aceitam heranças. Não sofrem intromissões da Igreja nem do Estado. São independentes. Recebem por amor de Deus e distribuem por amor de Deus.

Todas as festas de qualquer carácter profano que se façam em nome de uma Conferência de S. Vicente de Paulo, constituem falta grave e colocam os seus promotores em perigo social; o Pobre não pode ver com bons olhos que alguém coma ou beba ou se divirta à custa da sua imerecida penúria.

Há só uma fonte de receita perene e abundante, com força de santificar os interessados: chorar com os que choram; fora disto, é tudo mentira.

As Conferências de S. Vicente de Paulo, não podem mostrar saldos positivos; os confrades são obrigados a distribuir bem, tudo quanto recebem. Não podemos copiar as contas públicas. Não podemos usar a prudência do mundo. Temos de chorar com os que choram.

Exemplo: nós somos um exemplo. Nós somos uma afirmação. Nós pregamos o SS. Nome de Jesus. Nunca fizemos festas, nem aceitamos que em nosso nome as façam, nem recebemos o produto das já feitas. Contudo, veja-se nas colunas deste jornal como somos escandalosamente observados. Por outro lado, temos tido a rara habilidade de chegar a este ponto da Obra, com exclusão da clássica Comissão de Senhoras da nossa melhor Sociedade. Não senhor. Nunca. Somos nós e os nossos. Os nossos rapazes fazem tudo. Brincando e rindo, eles sabem chorar com os que choram. E é deste lado de Jesus Crucificado que brota todo o bem.

NOTÍCIAS DA CONFERÊNCIA DA NOSSA ALDEIA

Por JÚLIO MENDES

O QUE RECEBEMOS

O cortejo continua, sem desfalecimento. Têm-nos escutado, graças a Deus. O bem é para todos; para os pobres e para a sociedade em geral. A abrir registamos, com muito agrado, uma carta da assinante 7790 de Tomar com umas breves palavras, dizendo a principiar: Acorrendo ao vosso apelo para um auxílio aos pobrezinhos, envio em vale do correio 300\$00... Agradecemos o seu donativo, e daqui acusamos também recepção, pedindo desculpa de o não fazermos há mais tempo. A propósito, informamos-lhe que seguiu o seu destino, o postal que nos enviou.

Imediatamente, apresentou-se um anónimo de algures, com 50\$00. Depois deste um visitante entregou-nos 400\$00, para as conferências. Daqui, do cantinho dos pobres do Famoso, endereçamos ao visitante da linda vila de Famalicão, os nossos agradecimentos, em nome dos nossos socorridos. Chegou-nos seguidamente mais 50 deles, por intermédio do nosso Pai Américo. Estamos satisfeitiísimos, graças a Deus; os nossos pobres estão de parabéns. Os que nos têm sabido interpretar o nosso sentimento; o amor tantas vezes pregado pelo Mestre. O Amor pelo semelhante; pois Ele deu o exemplo. Nós, cristãos, teremos de o dar, para que os outros, os que não são, o digam à boca cheia: olha como eles se amam; dito noutros tempos, pelos que ainda não perfiavam a doutrina do Redentor.

A seguir, outro donativo importante, também passado pela mão do nosso Pai Américo; são mais 100\$00. Obrigado, Deus pagará a vossa generosidade, porque dão sem sabermos quem. É a mão fechada; em que uma dá e a outra não sabe. E, para terminar, descobrimos à luz da publicidade uma oferta que muito nos satisfaz: são cobertores de papo. Cobertores de papo, que feliz oferta! Já tínhamos feito referência a eles e agora esta pessoa fez-nos a vontade, abrindo o activo em roupas de cama. Esperamos outra vez a próxima quinzena; outra vez, porque vivemos do pão de cada dia. Conforme temos dinheiro, assim o vamos escoando; para possuímos o mínimo de numerário em caixa; esta, uma das regras mais importantes das sociedades vicentinas. Daí e recebeis; doutra forma, o dinheiro criaria bicho e os pobres passariam necessidades. Assim, não; movimento, isso sim.

Conhecendo os nossos irmãos...

Na anterior foi um parálitico; hoje é um demente. Tem casa mas faz dela uma autentica casa de trabalhos. Resolvi-me a visitá-lo por volta do fim da tarde, hora de ceia. Lá se encontrava, juntamente com a mãe; idosa, por conseguinte frágil para trabalhos pesados, como o da lavoura. Além dela, tem também um irmão, quase incapaz de ganhar o pão de cada dia, por fraqueza física. Uma casa de miséria! A demencia e o corolário da pobreza.

O demente, encontrava-se doente, e daí ter eu de ir visitá-lo extraordinariamente; tinha uma infecção bastante aguda, numa das pernas. Como se sabe, o doente tem as suas manias, e uma delas era não querer consultar o médico. Claro, disparatava; mas a valer! Mostrava desejos de espancá-lo com um pau que possui... Eu não estava receoso, visto se encontrar perto de mim sua mãe, que me defenderia dum possível agressão... Meu Deus, será possível que haja doença tão triste, não pelo sofrimento, mas pela dor que nos abraza, ao ver uma pessoa nestas circunstâncias? Parece-me que não.

Conversando com a mãe, perguntei-lhe se vem de há muito o estado do pobre. Ela me disse, que deste pequenino, e que tem tido uma carga de trabalhos para o aturar. Tem trinta e tal anos! Vejam o que esta infeliz mulher tem passado, ao longo de quase uma vida! Trinta anos de sofrimentos, de arrelias, de tudo o que completa a doidice, dum demente prejudicial ao povo da freguesia. Agora, penso eu, porque é que à distância de tanto tempo, nunca houve ninguém,

nenhuma autoridade, que se dispusesse a interná-lo numa casa de saúde, num hospital de alienados, que era o lugar que lhe pertencia? Parece impossível! Estas linhas de prosa servem de arauto, para, quando nós, rapazes vicentinos, da nossa Aldeia de Paço de Sousa, batermos à porta de qualquer hospital desse ramo de doenças, no-las abram, de par em par. E, se algum de vós leitor amigo, nos quizer poupar passos e pertença a qualquer estabelecimento de assistência do género, agradecemos, em nome não só da infeliz família, mas do povo das redondezas, nos ajude, a interná-lo. Entretanto, têm todos a palavra.

No meu colóquio com a velhinha, sua mãe, frizou-me em palavras suas, e na linguagem típica, mais ou menos o que eu sou interprete, por palavras minhas.

Porém, conforme falávamos, ela tratava, na lareira fumegante e escurificada, do caldo para a ceia. Ia longa a minha visita inesperada por eles, e deixei-os a mitigar a fome, com um caldo de sopa mal adubado! Ele, o doente, comia sofregamente, acalmando as suas birras por instantes... Ela coitadinha, ia-se despedindo, dizendo: quantas vezes, nem sopa, nem pão comíamos... Nem sopa nem pão!... A fome! Família miserável; incapacitados do trabalho, os sofrimentos dizimam-vos. Mas agora, a nossa sociedade vicentina, tem-os auxiliado na medida do possível, e na medida em que vamos recebendo a vossa ajuda. Lá os deixei em paz, os dois; devorando, a toda a força, o simples caldo! Meti-me a caminho de casa, arqui-

CRÓNICA DO LAR DO PORTO

ACTIVIDADE DA NOSSA CONFERÊNCIA

Na reunião de Setembro foi estabelecido entrar para a Nossa Conferência mais alguns pobres e assim visitaram-se mais dois os quais já começaram a receber a sua esmola.

Os nossos pobres começaram a queixar-se do inverno que já vem perto.

Quero eu dizer que alguns deles já nos solicitaram roupas para as suas camas. E colchões! Isso nem se fala. A atendermos aos pedidos que temos, precisavamos neste momento de 5 deles. Eles amostram e dizem da sua necessidade. Mas quem é que nos há-de acudir! Já nos deram um para um dos nossos pobres mas ele é preciso mais. Mas nós esperamos que alguém mais os queira oferecer. Os dois pobres que entraram têm os seus completamente desfeitos não sei mesmo como se pode dormir assim. Esta é a maior necessidade que temos que enfrentar. Mas outra se nos depára. É o problema das rendas de casa. Nós já fomos ter com o senhorio dum das nossas pobres mas disse-nos da dificuldade em resolver tais assuntos. É que esse o nosso rendimento e não podemos atender a todos, disse ele. Mas por ser para os meninos, perdou-lhes um mês, dois, três que a pobre me deve. Mas não tardou que outro viesse com o mesmo pedido. Ai que se não pago até ao fim do mês três meses que devo senhorio ele põe-me fora de casa a mim e aos meus filhos. Mas como lhe havemos de acudir? O senhorio é o mesmo e não está disposto a perdoar nada a ninguém e nós pouco dinheiro temos! Estará alguém disposto a mandar-lhe algum auxílio? Nós vamos pedir ao senhorio para esperar mais algum tempo para ver se lhe pagamos. Estes dois pobres que entraram são muito necessitados. Um deles é arrumador de automóveis, falta-lhe um braço e tem seis filhos o mais velho com sete anos. Com as migalhas que ganha é ele que sustenta o Lar. Quando os visitamos pela primeira vez estava um a comer a cada canto, pois a casa é muito pequena e não dá para que todos comam numa mesa. Dois dos filhos ainda são de berço. O outro começou por nos dizer se não lhe pudessem ajudar se davam ao menos um colchão. É o que eu mais necessito, e amostra o estado em que se encontrava o dele, verdadeiramente lastimável. E prosseguiu: a maior parte dos dias venho a casa para ver os filhos, porque o que ganho não me dá para comer. Agora informações da nossa última visita aos nossos pobres.

O Marques informou que quando chegou a casa da sua pobre, esta não estava, apenas encontrando uma das filhas a chorar, e uma a pessoa estranha dentro das portas. Ele mandou chamar a mãe da rapariga e quis intentar-se do que via... e a

tectando a maneira de internar o desgraçado infeliz. Entretanto, esperemos os dias futuros e a resolução deste lamentável caso, que de há muito deveria estar resolvido, por quem de direito...

pobre começou por lhe dizer que era uma pessoa de família que lhe tinha pedido para a deixar estar oito dias em sua casa. Mas prosseguiu dizendo que ela já não quer de lá sair, vendo-se a pobre obrigada a deixá-la estar. Então o Marques disse à pobre se ela não saísse dali por meia hora, que não lhe entregava a esmola. E passados poucos minutos aquela mulher saía de casa dirigindo-se à sua, levada pelas palavras do Manuel Marques.

A pobre do Licínio encontrase doente, tem os pés bastante inchados e anda a tomar umas injeções.

O Prata disse que o seu pobre lhe pediu uns óculos, visto não ver quase nada. Os óculos vão-lhe ser dados depois de uma receita médica.

O Carlos Veloso encontrou a sua pobre a fazer um tachito de arroz para comer ao jantar mais o seu neto e a casa estava muito limpa e arranjada. O Marques pediu um cobertor para a sua pobre e nós recebemos duas cartas com 20\$00 cada, para os nossos pobres. E por hoje, findo esta crónica tão extensa, registo os meus agradecimentos pelas esmolas que nos mandaram para os nossos pobres que aliás foram muito poucas.

Carlos Veloso

O QUE NOS DÃO NO TOJAL

(Conclusão do número anterior)

Andam a semear. Quem semeia no amor, colhe na alegria. Dantes semeavam ventos, por isso colhiam tempestades. O Bolota da última vez esteve vinte e três dias na cadeia, depois de por lá ter passado dezenas de vezes. Queria colher sem semear. Agora sente-se feliz sob as asas da caridade. Colhe o que outros semearam. A seu tempo irá ele semear, como Camões: «cantando espalharei por toda a parte».

Mais 200\$ de Ferreira do Zeze; 30\$ de Coimbra, da Figueirense aqui muito falada, a quem se pede que não desanime, pois bem pouco pode durar a sua proteção.

170\$ pelas melhoras do doente; uma foto para o Rui com pedido dum fotografia que breve publicaremos.

Para a Tipografia 100\$ de Cantanhede, metade doutro visitante e o gemido de mais outro. 20\$ e carta da Capital, outro tanto em S. Domingos; Figos e amendoas de Torres Novas. Oferta de incomparável valor foi uma colecção belamente encadernada do primeiro lustro de «O Gaiato». É obra de amor dum senhor de Lisboa, que tudo faz por um filho que tem em África.

Que Deus o ajude. Finalmente, dez quilos de Gammexane em líquido e outro tanto em pó, da C. U. F., para liquidar moscas, melgas e baratas. Vai ser uma limpezinha.

Quem quizer experimentar. A C. U. F. tem lá mais.

ISTO É A CASA DO GAIATO



NO dia 22 de Setembro faleceu em Paço de Sousa o menino João de Deus de 16 anos de idade. Esteve muitos meses no Hospital do Terço e veio-se embora por incurável. Aqui em casa, no seio da nossa comunidade, foi durante três meses um doente precioso e teve morte preciosa. Ao aproximar-se a hora derradeira vão entrando na enfermaria e aproximando-se dele muitos dos seus companheiros, que piedosamente deixam e trocam a sua obrigação por outra mais sublime; despedir-se do irmão. O pároco da freguesia vem dar os Sacramentos. Reza-se. O Sérgio o mais velho e mais forte, o beque, de nomeada, esteve mais de quatro horas seguidas ao pé do moribundo, por este lhe pedir que se não fosse embora; e morreu-lhe nos braços. Os companheiros ficam silenciosos. Não querem sair dali; uns ao pé do morto, outros encostados às paredes do hospital. Não brincam. Não dizem nada. O nosso refeitório, à hora de comer, ficou deserto. Era a morte preciosa dum doente que foi precioso. No dia seguinte foi a enterrar. O senhor Abade tinha marcado para as sete da tarde e a essa hora, da varanda da casa-mãe via-se avenida abaixo um caixão vestido de branco, rodeado de todos os rapazes da Aldeia mais a Cruz. O sol poente fazia labaredas. Nessa noite, à hora do terço que costuma ser pedido pelo Faisca, eu escutei com os meus ouvidos que a terra há-de comer, a voz daquela criança:—*pela alma do nosso João*. E todos rezaram com ele as orações do estilo. Estavam ali duzentos deles. Era um formoso cacho sentado nos degraus da nossa Capela, aonde costumam rezar o terço nos dias de verão. A lua tinha

nascido e inundava. Ainda que enprestada pelo sol tem a beleza do firmamento. E' luz. E' luz do céu. *Por alma do nosso João*. E dali seguiram todos para suas casas; naquela noite mais tristes, mais silenciosos, mais comovidos. Dá gosto morrer na Casa do Gaiato!

OS senhores querem saber uma coisa que aconteceu na última venda do jornal? Querem saber? Eu vou contar: foi o *Figados*. *Figados*, que também se chama o *Mau Tempo* por ser muito zangado, encontra-se actualmente no Lar de S. João da Madeira e trabalha na «*Oliva*». Este é um dos quatro irmãos que um dia aqui nos apareceram e que me disse, então, que queria aprender a arte de serralheiro para fazer uma camionete e ganhar com ela dinheiro para ir à cadeia buscar o pai; e que da mãe não queria saber porque ela o deixara a ele e aos irmãos e foi-se embora com outro homem. Eis aqui uma ficha social escrita pelo interessado com verdade e decisão. E desde aquele dia nunca mais o rapaz deixou de me dizer a sua vontade de ser mecânico. Na fábrica já descobriram que ele é zangado, mas antes assim do que ser morrinhento.

Mas não era bem isto que eu queria dizer; aonde eu quero chegar é à venda do jornal. Vão daqui quatrocentos exemplares todas as quinzenas. *Figados* é um dos vendedores. Mas como aquilo desse pouco na vila, que fez o rapaz naquele domingo de Setembro? Sem dizer nada a ninguém, meteu-se no comboio e largou para Espinho! Ai andavam dois dos nossos, tendo calhado a vez, naquele domingo, ao Abel. Encontraram-se e foi o bonito!!!

ONorberto foi há dias ao Porto. Como quer que ia passando o "risco", em frente dos Congregados, veio a polícia e bota-lhe as unhas. O rapaz parou e disse: *olhe*

que eu sou da Casa do Gaiato. Tanto bastou para que o agente da autoridade o deixasse ir embora, amavelmente. Temos por nós a Polícia de Segurança Pública.

Apareceu aqui, um dia destes, um dos muitos itinerantes que nos procuram. Era uma estampa. Ao indagar, soube que ele fora detido por um polícia das estradas, ao vê-lo perigosamente suspenso aos ferros de uma camionete e que depois o polícia lhe fez perguntas. E que ele disse que vinha para a Casa do Gaiato. E que a camionete vinha cheia de gente, mas o polícia entrou lá dentro, mandou apertar e pediu ao condutor que o deixasse ficar no sítio mais próximo da Casa do Gaiato. Temos por nós a Polícia de Viação.

Como se pode ver na coluna *do que nós necessitamos*, tivemos aqui um cheque, produto duma "quete", levada a efeito entre membros da Polícia Internacional. Toda a carta é uma oração feita por aqueles homens à vida e costumes da Obra da Rua. Temos por nós a Polícia Internacional e Defesa do Estado.

Falta-nos agora a Polícia Judiciária. Quando a tivermos conquistado, podemos fazer quantas, como e aonde quisermos.

Mas não é a só a Polícia. São Regimentos de Cavalaria. São Corporações de Bombeiros. São os Pilotos da Barra. São Messes de Oficiais do Mar, da Terra e do Ar. São Sindicatos. São grupos desportivos. São associações de toda a espécie. Temos tudo e todos por nós. E' a violência que faz a criança ao coração dos homens. Não qualquer, mas aquela criança que não tem nada, nem ninguém que a defenda dos inimigos. Eis.

OA *guia* resolveu fugir, e fugiu. Ele é da oficina de ferreiro; tem jeito e habilidade. Horas depois regressava. Os companhei-

ros perguntam-lhe que bicho lhe mordeira para vir assim tão depressa.

Lá ao longe, já muito longe da Aldeia, ouvi tocar a sineta do refeitório...

Quem ler o *do que nós necessitamos*, neste número, fica sabendo de Alguém que nos veio aqui trazer dez contos pela segunda vez; mas o que não sabe é das voltas que isso deu e eu vou aqui dizer; recebeu-se um telefonema para mandar por uma encomenda, às tantas e a tal sítio. Um rapaz atendeu e disse que sim. Por encomenda deduziu um ou mais pacotes. Pacotes pedem um carro de mão. Um carro de mão não pode de maneira nenhuma, ser conduzido e puxado por um só rapaz, em uma casa aonde há 200 deles. Esta foi a primeira consideração do ditoso que atendeu o telefone. A segunda consideração foi a estrada; uma estrada muito larga, bordada de giestas dum lado e doutro e cheia de gente, que ainda há pouco tempo acabara de ser alcatroada. Um amor. Esta foi a segunda consideração. A terceira subiu de entusiasmo; era a distância. O lugar anunciado da telefonadela dista quatro quilómetros. Com todas estas considerações, mal-lo carro de mão e quatro a puxar, ei-los a caminho. Eu não estava em casa. Ninguém foi ver, mas todos nós sabemos quão deliciosas e únicas não devem ter sido aquelas horas! E a encomenda? E o senhor da encomenda? Sabemos que era um minúsculo envelope com dez notas lá dentro. E' muito possível que o senhor tivesse visto àquela hora e naquele lugar, um carro de mão, mas o que ele não poderia jamais supor, é que o dito carro estava ali para trazer a encomenda. Por isso resolveu fazer os quatro quilómetros e entregar aqui na Aldeia. Oxalá Ele não desanime com esta *ordem* das nossas casas, e que tenha muita paciência e que não diga mal da sua vida e que torne.

Noticias de S. João da Madeira

VENHO hoje pela primeira vez dar notícias deste Lar, para o Famoso. Em virtude de retirar para Paço de Sousa o Constantino, fiquei eu com este encargo de crónista de S. João da Madeira. Cá estou eu e o Joaninha que fomos transferidos de Miranda para S. João da Madeira. Quando chegamos ficamos muito contentes ao ver o ambiente desta nova casa, mas depois estranhámos por não conhecermos ainda isto. No dia seguinte quando viemos, fomos logo com o Manuel Pedreiro à fábrica *Oliva*, de A. J. de Oliveira, Filhos & C.ª L.ª onde estamos empregados. Temos recebido muita fruta e outros produtos, o que muito agradecemos. Isto significa que aqui em S. João da Madeira já há muita gente que tem amizade e simpatia pelos gaiatos do Snr. Padre Américo. Já cá temos uma senhora a tomar conta da casa. E' ela que engoma a nossa roupa e é ela que a arremenda. Falta-lhe uma coisa. E' uma máquina de costura! E' muito difícil, mas se houver alguma alma generosa que queira ou que possa conceia-nos esse grande favor. Foi a última fundação do nosso querido Pai Américo.

Como muitos benfeitores não sabem ainda a nossa direcção, vai hoje aqui expressa no Famoso. E' a seguinte: Lar do Gaiato—Bairro da Saude—S. João da Madeira.

COMO os meus leitores sabem S. João da Madeira tem enormes fábricas de indústrias e numa delas que é a grande fábrica «*Oliva*» já lá temos empregados quatro dos nossos rapazes como aprendizes para mais tarde se fazerem grandes mestres e termos lugar para mais.

AS nossas obras vão indo bem. O muro é um encanto vê-lo já que fará quando estiver pronto, e já temos em pé um telheiro para lenha, um curral para porcos, e a famosa capoeira, mas faltam os habitantes. Portanto amigos leitores, não se esqueçam porque estamos num princípio dum Lar e é-nos necessário tudo isto.

TEMOS biblioteca sim senhor e estantes mas faltam os respectivos livros, revistas; é mais uma lembrança. Isto são coisas que estão arruma-

De como eu estive quinze dias no Gerez

(Conclusão da 1.ª página)

lado, há duas formosas cataratas. O sol começa a dar nas cristas dos pinheiros. Galinhas cacarejam no musgo dos penedos. E' a vida. A vida simples, natural, alegre, abundante.

Os quinze dias passaram; eram horas de regressar. Enquanto ali estive e até à hora derradeira, houve gente a implorar um cantinho da nossa Aldeia e apontavam a desgraça do rapaz, qual delas a maior. Rapazes das imediações. Casos do Gerez. De entre muitos e sem escolher, tomei o derradeiro que se me apre-

das aos cantos e nós fazemos o favor de as por noutra lugar.

CONTINUA a vir de Casaldelo e Macieira de Sarnes cestos de fruta, legumes, e outras coisas mais.

Estas duas senhoras ao mesmo tempo vão pedindo aos lavradores alguma coisinha para o «*Gaiato*» e são atendidas e vão semeando a palavra que em boa hora veio ao Mundo fazer o Bem.

JOSÉ MARIA SARAIVA

sentou, e à hora da saída, outros farapõeizitos choravam alto, com pena de ficar. O pequenino que veio e os outros que ficaram, todos são portadores do ferrete da infâmia; não têm pai! Esta palavra horrenda de *pai incógnito* que os funcionários da Igreja e do Estado escrevem com incrível facilidade nos documentos públicos; esta palavra digo, é uma condenação viva da sociedade e produz necessariamente os seus frutos.

Ninguém acredita na extensão e na profundidade dos sacrifícios incruentados que passam nos tenros anos estes seres abandonados por esta maneira. E' preciso lidar com eles. E' preciso ver-lhes o corpo. E' preciso sentir-lhes a alma. E só então poderemos avaliar, sentir e sofrer!

Entre todas as desgraças que afligem o povo latino esta é sem dúvida a mais culpada, por ter remédio e não se procurar aplicá-lo. A maior percentagem de filhos ilegítimos encontra-se nas nações de sangue latino. Nos povos do Norte não. Nas nações do Norte não. Em vez de procurarmos ir à origem das coisas e ali atacar o mal até onde for possível fazê-lo, nós achamos mais fácil e mais bonito construir e inaugurar casas de assistência aos filhos da Prostituição.